

GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: O PAPEL DA FAMÍLIA NA PREVENÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

Cleidiane Ribeiro Costa¹
Florismar Alves da Rocha Lima²
Laís Fernanda Aires Dias³
Necy Fereira de Freitas⁴
Soleny Pereira da Silva⁵

RESUMO: Nos últimos anos, a gravidez na adolescência tem se tornado um tema de grande relevância nos estudos epidemiológicos devido aos seus impactos sociais, econômicos e de saúde pública. Nesse contexto, a participação do profissional de enfermagem é crucial, pois desempenha um papel fundamental no acolhimento, na orientação e no suporte às jovens mães durante essa fase desafiadora. O objetivo deste estudo é revisar a atuação do enfermeiro no contexto da gravidez na adolescência, destacando sua importância como agente educador e de cuidado integral. Trata-se de uma revisão integrativa baseada em trabalhos publicados entre 2019 e 2024. Foram utilizados descritores em ciências da saúde (decs), como "educação sexual", "gravidez", "adolescência" e "enfermeiro", em diversas plataformas de pesquisa científica. Após análise criteriosa de inclusão e exclusão, de 148 artigos inicialmente encontrados, apenas 10 foram selecionados para o estudo. Os resultados evidenciam que a gravidez na adolescência apresenta desafios significativos, tanto para as jovens mães quanto para os serviços de saúde. Os artigos analisados ressaltam a importância da atuação do enfermeiro, que desempenha um papel essencial no acolhimento, na orientação e no suporte às adolescentes nos serviços de saúde, promovendo uma abordagem ética e profissional. O enfermeiro desempenha diversas atribuições no contexto da gravidez na adolescência, sendo essencial no processo de orientação, esclarecimento de dúvidas e suporte às jovens mães. Com sua atuação ética e profissional, o enfermeiro contribui para minimizar os impactos da gravidez precoce, promovendo saúde e qualidade de vida para a adolescente e seu bebê.

2547

Palavra-chave: Enfermagem. Educação. Gravidez na adolescência.

¹Discente no curso de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN.

²Discente no curso de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN.

³Discente no curso de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN.

⁴Discente no curso de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN.

⁵Discente no curso de Enfermagem, Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – UNIPLAN.

ABSTRACT: In recent years, teenage pregnancy has become a highly relevant topic in epidemiological studies due to its social, economic, and public health impacts. In this context, the participation of nursing professionals is crucial, as they play a fundamental role in welcoming, guiding, and supporting young mothers during this challenging phase. The objective of this study is to review the role of nurses in the context of teenage pregnancy, highlighting their importance as educational and comprehensive care agents. This is an integrative review based on works published between 2019 and 2024. Health sciences descriptors (decs) such as "sexual education", "pregnancy", "adolescence", and "nurse" were used in various scientific research platforms. After careful inclusion and exclusion analysis, of the 148 articles initially found, only 10 were selected for the study. The results show that teenage pregnancy presents significant challenges, both for young mothers and for health services. The articles analyzed highlight the importance of the role of nurses, who play an essential role in welcoming, guiding and supporting adolescents in health services, promoting an ethical and professional approach. Nurses perform several tasks in the context of teenage pregnancy, being essential in the process of guidance, clarifying doubts and supporting young mothers. With their ethical and professional actions, nurses contribute to minimizing the impacts of early pregnancy, promoting health and quality of life for the adolescent and her baby.

Keyword: Nursing. Education. Teenage pregnancy.

I INTRODUÇÃO

2548

A gravidez na adolescência é um fenômeno social e de saúde pública que tem gerando grande preocupação em diversos países, devido os fatores sociais, econômicos envolvidos. A gravidez na adolescência acarreta uma série de riscos tanto para a jovem mãe quanto para o bebê, afetando áreas como a saúde física, emocional e social (De Lima et al., 2023).

A gravidez precoce está associada a um aumento dos riscos de complicações obstétricas, como a pré-eclâmpsia, partos prematuros e bebês com baixo peso ao nascer e abortos. O corpo da adolescente não estar fisiologicamente preparado para suportar as exigências de uma gestação, o que coloca em perigo tanto a mãe quanto o feto durante esse período. Além disso, a ausência de um acompanhamento pré-natal adequado pode agravar este problema, uma vez que muitas adolescentes apresentam resistência em realizar o pré-natal (Carvalho; De Oliveira, 2020).

Os impactos da gravidez na adolescência são sentidas pelas jovens especialmente na área emocional e social, aonde as consequências são também significativas. A gravidez precoce pode interromper a trajetória escolar e profissional da jovem, limitando as suas oportunidades futuras

e aumentando as probabilidades de exclusão social e pobreza. O apoio familiar e comunitário torna-se crucial, mas nem sempre está disponível de forma suficiente, o que pode agravar sentimentos de isolamento, frustração e baixa autoestima (Do Nascimento et al.,2023).

A educação sexual, o acesso a métodos contraceptivos e a criação de redes de apoio são essenciais para a prevenção da gravidez na adolescência. Ao tratar este tema, é fundamental adotar uma abordagem que combine políticas públicas, educação e sensibilização, visando reduzir a incidência deste fenômeno e minimizar os seus impactos na vida das jovens e na sociedade em geral (Melo; Soares; Silva, 2022) .

Nesse contexto, é necessário salientar o quão importante é enfermeiro no cenário da gravidez na adolescência, devido este desempenha um papel crucial no cuidado à gestante adolescente, atuando como um ponto de apoio fundamental para promover a saúde e o bem-estar materna-infantil. O trabalho do enfermeiro vai além do acompanhamento médico, englobando ações educativas e de suporte emocional. Desde o pré-natal, o enfermeiro orienta sobre o desenvolvimento da gestação, a importância de uma alimentação adequada, os sinais de risco e os cuidados a serem tomados durante a gravidez. Além disso, ele promove a adesão às consultas e ao planejamento familiar, garantindo que a adolescente se sinta acolhida e segura (Lima et al.,2023).

2549

Através de uma abordagem humanizada e de comunicação acessível, o enfermeiro também ajuda a jovem a lidar com os desafios psicossociais que surgem nesta fase, como a ansiedade e o medo, fortalecendo a confiança da futura mãe no seu papel parental e contribuindo para a construção de uma maternidade mais consciente e saudável. Nesse contexto, o presente artigo tem como objetivo descrever sobre as complicações da gravidez na adolescência, ressaltando o papel do enfermeiro nesse cenário.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Gravidez Precoce e o Risco de Morte Infantil

A gravidez precoce, ou seja, a gravidez que ocorre na adolescência, é um tema de extrema relevância para a saúde pública global, especialmente em países em desenvolvimento. Esta condição traz consequências graves tanto para a saúde da mãe adolescente quanto para o recém-

nascido. Um dos maiores riscos associados à gravidez precoce é a mortalidade infantil (Scarton et al.,2020).

Diversos fatores biológicos, socioeconômicos e culturais contribuem para que filhos de mães adolescentes tenham maior probabilidade de sofrerem complicações graves logo após o nascimento, aumentando o risco de morte prematura. A gravidez precoce está diretamente relacionada ao aumento das taxas de mortalidade infantil, os fatores que influenciam esse cenário e possíveis intervenções para minimizar o problema (Gonzaga et al.,2021) .

Como mencionado anteriormente, a gravidez na adolescência configura-se um problema de saúde pública em âmbito mundial, com maior prevalência em regiões com menor nível socioeconômico, como a América Latina, África subsaariana e o Sudeste Asiático. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 16 milhões de meninas entre 15 e 19 anos dão à luz todos os anos, e as complicações decorrentes da gravidez e do parto são as principais causas de morte nessa faixa etária. Embora existam múltiplas razões para a alta incidência de gravidez precoce, entre as mais prevalentes estão a falta de educação sexual adequada, o acesso limitado a métodos contraceptivos, as barreiras culturais e a pobreza.

Esses fatores contribuem para que adolescentes enfrentem gestações não planejadas, muitas vezes sem o suporte emocional, econômico ou social necessário. Em muitos casos, as adolescentes grávidas não têm acesso aos serviços de saúde essenciais durante a gestação, o que resulta em maior vulnerabilidade a complicações, colocando tanto a mãe quanto o bebê em risco. Entre os fatores que aumentam o risco de morte infantil temos a imaturidade física da mãe adolescente (Assis et al.,2022).

Durante a adolescência, o corpo da jovem ainda está em desenvolvimento, o que pode resultar em uma série de complicações durante a gestação e o parto. O corpo de uma adolescente pode não estar preparado para sustentar a gestação até o termo, resultando em partos prematuros, que por sua vez, aumentam o risco de complicações para o recém-nascido. Bebês prematuros são mais suscetíveis a doenças respiratórias, como a síndrome do desconforto respiratório neonatal, que pode levar à morte se não for tratada adequadamente (Ruas et al.,2020).

Além disso, muitas adolescentes grávidas vivem em situação de insegurança alimentar, o que é considerado como um fator de risco devido comprometer o desenvolvimento do feto. A

má nutrição pode resultar em bebês com baixo peso ao nascer, uma condição que aumenta significativamente a mortalidade infantil, pois esses recém-nascidos apresentam menos reservas de gordura e um sistema imunológico subdesenvolvido, tornando-os mais vulneráveis as infecções (Castro; Chini; Madureira, 2023).

Outro aspecto relevante é a falta de acesso a cuidados pré-natais adequados. O pré-natal é essencial para monitorar a saúde da mãe e do bebê, permitindo a detecção precoce de problemas e garantindo que ambos recebam o suporte médico necessário. No entanto, muitas adolescentes, especialmente aquelas que vivem em áreas rurais ou comunidades marginalizadas, não têm acesso a consultas regulares durante a gravidez (Santos et al., 2023).

A falta de acompanhamento pré-natal adequado pode resultar na falta de diagnóstico e tratamento de condições como pré-eclâmpsia, diabetes gestacional e infecções, todas essas condições resultam em um maior risco de complicações para a saúde materno-infantil (Cá et al., 2022).

Conforme De Lima et al (2024) o acompanhamento pré-natal é fundamental para garantir que a mãe adolescente receba orientações sobre nutrição adequada, exames regulares de ultrassom e suplementos vitamínicos, como o ácido fólico, que previne malformações no feto. Sem esse acompanhamento, há uma maior probabilidade de que a gestação resulte em complicações que coloquem em risco a vida do recém-nascido.

2551

As condições socioeconômicas também desempenham um papel significativo na relação entre gravidez precoce e mortalidade infantil. Adolescentes grávidas frequentemente vivem em condições de pobreza, o que limita seu acesso a cuidados médicos adequados, alimentação de qualidade e saneamento básico. A pobreza também está associada a um menor nível de educação, o que pode reduzir o conhecimento da jovem mãe sobre cuidados essenciais com a saúde do bebê, aumentando a probabilidade de negligência involuntária ou falta de percepção sobre sinais de alerta no recém-nascido (Alves, 2024).

Além disso, em muitos contextos, a gravidez precoce está associada a estruturas familiares frágeis, com baixo suporte financeiro e emocional, o que agrava ainda mais a situação. Essas jovens mães, sem o apoio adequado, podem enfrentar dificuldades em garantir as condições básicas para o bem-estar do bebê, resultando em maior vulnerabilidade as doenças, desnutrição e falta de acompanhamento médico (Fernandes et al., 2024).

Nesse aspecto, é essencial que o enfermeiro da estratégia da família busque intensificar a assistência voltada para esse público, a fim de reduzir os riscos advindos do próprio processo da gestação precoce. Recém nascidos de mães adolescentes apresenta uma maior propensão de nascer com baixo peso.

Marques et al (2022) salienta que o baixo peso ao nascer está diretamente relacionado a uma série de complicações de saúde que podem levar o prematuro à morte nos primeiros dias ou meses de vida. Recém nascidos com menos de 2,5 kg ao nascer apresenta sistema imunológico menos desenvolvidos, o que os torna mais suscetíveis a infecções graves, como pneumonia e sepse. Eles também enfrentam maior risco de hipoglicemia, hipotermia e problemas respiratórios. Essas complicações requerem cuidados intensivos, que muitas vezes não estão disponíveis em comunidades com poucos recursos, aumentando a probabilidade de morte.

2.2 O risco de parto prematuro na gravidez precoce

O parto prematuro é uma das principais complicações associadas à gestação precoce. A gravidez em adolescentes apresenta maiores chances de resultar em parto prematuro, definido como aquele que ocorre antes da 37ª semana de gestação. Esse risco é influenciado por uma série de fatores, incluindo a imaturidade física da jovem gestante, que ainda está em fase de desenvolvimento corporal. O corpo da adolescente pode não estar totalmente preparado para sustentar a gravidez até o parto a termo, o que frequentemente resulta em um parto antecipado, prematuro (Farias et al.,2020).

2552

Marques et al (2022) ressalta que o parto prematuro está associado a diversas complicações para o recém-nascido, como problemas respiratórios, devido ao desenvolvimento incompleto dos pulmões, além de dificuldades neurológicas e maior vulnerabilidade a infecções. Bebês prematuros geralmente necessitam de cuidados médicos intensivos em unidades neonatais, o que eleva os custos de saúde e aumenta o risco de mortalidade infantil. Além dos fatores biológicos, as condições sociais e econômicas das adolescentes contribuem para o aumento do risco de parto prematuro.

A falta de acesso adequado a cuidados de saúde, especialmente no acompanhamento pré-natal, a desnutrição e o estresse psicológico associado à gravidez não planejada podem agravar esse risco. Portanto, a prevenção do parto prematuro em gestações precoces depende de

intervenções que envolvam tanto o suporte social quanto o acompanhamento médico adequado, focando na saúde integral da adolescente e do bebê (Da Silva et al.,2024).

2.3 Aborto espontâneo

É uma complicação significativa em gestações precoces, especialmente entre adolescentes, e refere-se à perda involuntária do feto antes da 20ª semana de gestação. Vários fatores contribuem para o maior risco de aborto espontâneo em jovens grávidas, sendo um deles a imaturidade biológica da adolescente (Ribeiro et al.,2023).

De acordo com dados da Organização Mundial da Saúde (OMS,2022), aproximadamente 42,6 milhões de abortos ocorrem anualmente em todo o mundo, sendo que entre 2 a 4 milhões desses casos envolvem adolescentes. No Brasil, informações levantadas pelo Ministério da Saúde (2023) apontaram que o número de internações por aborto espontâneo, aborto por razões médicas e outros tipos de gravidez que resultaram em aborto, na faixa etária de 10 a 19 anos, foi de 38.771 casos. Esses dados revelam que os abortos na adolescência representam entre 7% e 9% do total de abortos em mulheres em idade reprodutiva no país.

O aborto espontâneo está relacionado diretamente com a condição apresentada pela mãe, adolescentes com desnutrição ou alimentação inadequada, apresentam carências nutricionais e essas deficiências nutricionais acabam impactando negativamente o desenvolvimento saudável do feto, o que é um fator predisponente para a interrupção da gravidez. Além disso, fatores como o estresse emocional, que é frequente vivenciado em gravidezes não planejadas, e o uso de substâncias como álcool e cigarro, também contribuem para o aumento desse risco (Fernandes; De Sousa; Passos, 2023).

Assim, como a falta de acompanhamento pré-natal adequado, ato comum entre adolescentes, agrava ainda mais a situação, pois a falta de assistência médica impede a detecção precoce de condições que podem comprometer a gravidez, como infecções urinárias, problemas hormonais, entre outros.

Os aspectos socioeconômicos também não podem ser ignorados. Adolescentes em contextos de vulnerabilidade social frequentemente têm acesso limitado a serviços de saúde de qualidade, o que pode impedir a prevenção e o tratamento de complicações que levam ao aborto espontâneo. A falta de informação, somadas ao medo da exposição e julgamentos, faz com que

muitas adolescentes evite buscar acompanhamento na gravidez, colocando muitas vezes a saúde materna-infantil em risco, o que também é um fator de risco para a ocorrência de abortos espontâneos (Da Silva et al., 2021).

Dada a gravidade dessa complicação, é essencial que a adolescente tenha acesso a acompanhamento médico desde o início da gestação, realize o pré-natal, seja sensibilizada da importância desse acompanhamento para a prevenção de agravos e promoção da saúde materna-infantil. O enfermeiro pode intervir junto a comunidade promovendo ações que promovam a educação em saúde reprodutiva e o estigme durante esse período que a adolescente receba o suporte familiar e social, visto que são condicionantes fundamentais para reduzir os riscos de aborto espontâneo e garantir uma gravidez mais segura (Trombetta et al., 2022).

2.4 Eclâmpsia e Depressão Pós-parto

A eclâmpsia e a depressão pós-parto são complicações graves que afetam especialmente adolescentes durante e após a gestação precoce, representando riscos significativos tanto para a mãe quanto para o bebê (Oliveira et al., 2023).

Conforme dados publicados pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), aproximadamente 830 mulheres diariamente vão a óbito em todo o mundo durante o período gestacional e parto. Geralmente as causas dessas mortes são preveníveis, como pré-eclâmpsia (PE) e eclâmpsia, hemorragias graves, infecções especialmente no pós parto; complicações no parto e abortos inseguros. A grande maioria dessas mortes acontecem em países em desenvolvimento, no qual representa 99% do total das mortes. Em comparação com demais faixas etárias, as adolescentes, até 15 anos de idade, são mais propensas as complicações e mortes decorrentes da gravidez.

Segundo Peixoto et al (2023) a eclâmpsia é uma condição potencialmente fatal que surge a partir da pré-eclâmpsia, que é doença específica da gravidez definida pela presença da hipertensão arterial, com ou sem proteinúria, após a 20ª semana de gestação em mulheres previamente normotensas. A pré-eclâmpsia não tratada pode evoluir para eclâmpsia, resultando em convulsões, coma e, em casos mais graves, morte materna ou fetal, a eclâmpsia é responsável por aproximadamente 26% dos casos de mortes maternas, estima-se que em 3-5% das gestantes sejam afetadas por esse quadro.

Conforme Braga et al (2021) a eclâmpsia é uma das principais causas de mortalidade materna, especialmente em países em desenvolvimento, onde o acesso a cuidados médicos especializados pode ser limitado. Para prevenir e manejar a eclâmpsia em adolescentes, é fundamental o acompanhamento pré-natal rigoroso, com monitoramento regular da pressão arterial e exames que possam identificar a pré-eclâmpsia em seus estágios iniciais, é de suma importância que o enfermeiro explique a gestante sobre seu atual quadro e lhe oriente sobre os cuidados nesse período, como mudanças na alimentação (não consumindo dieta normossódica e hiperproteica), mencionando sobre os períodos de repouso diários em decúbito lateral, verificação da pressão arterial regularmente. Entre outros cuidados importantes para a prevenção dessa complicação.

Silva et al (2020) salienta que outra complicação bastante comum na gestação em adolescentes é a depressão pós-parto (DPP). A adolescência, por si só, já é um período de intensas mudanças físicas, emocionais e psicológicas, e a experiência da maternidade precoce pode exacerbar sentimentos de estresse, ansiedade e sobrecarga emocional. Fatores como o medo de responsabilidades, a falta de suporte familiar e social, e o estigma associado à gravidez na adolescência contribuem para o surgimento de sintomas depressivos após o parto.

2555

Maciel e colaboradores (2019) afirmam que o percentual de gestantes brasileiras com depressão pós-parto é de 32% a 38%. Geralmente os sinais iniciam nas primeiras quatro semanas pós-parto, intensificando-se nos seis primeiros meses de vida do recém-nascido, entre os sinais mais comuns da DPP, temos alterações emocionais, cognitivas, comportamentais e física, dificuldades em formar vínculo com o bebê, alterações fisiológicas entre outros.

A depressão pós-parto em adolescentes pode ter consequências graves tanto para a mãe quanto para o bebê. As jovens mães podem ter dificuldades em criar vínculos afetivos com o recém-nascido, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento emocional e físico da criança. Além disso, a falta de apoio emocional adequado pode agravar o quadro depressivo, levando a complicações de saúde mental a longo prazo (Pokharel et al.,2020).

Cavalcante et al (2024) salienta que são cruciais as intervenções preventivas e de apoio psicológico para adolescentes que enfrentam a maternidade precoce. A criação de redes de suporte, a presença de acompanhamento psicossocial e a conscientização sobre a importância

do autocuidado são estratégias fundamentais para reduzir os impactos da depressão pós-parto nesse grupo vulnerável.

Assim, tanto a eclâmpsia como a depressão pós-parto são complicações graves associadas à gravidez precoce, exigindo cuidados médicos e psicossociais especializados. O fortalecimento do acompanhamento pré-natal e do suporte emocional às adolescentes gestantes pode reduzir significativamente os riscos dessas condições, promovendo uma maternidade mais segura e saudável tanto para a jovem mãe quanto para o bebê.

2.5 A importância da família na gravidez na adolescência

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo e multifacetado que afeta a jovem mãe, o bebê e todos ao seu redor, especialmente a família. Em muitos casos, a adolescente grávida se encontra em uma fase da vida em que ainda depende emocional, financeira e socialmente de seus pais ou responsáveis. Dessa forma, o papel da família se torna central tanto no enfrentamento dos desafios imediatos da gestação quanto no desenvolvimento da nova família que está se formando. O suporte familiar adequado pode fazer uma diferença crucial no bem-estar físico, emocional e social da jovem gestante, influenciando diretamente os desfechos dessa experiência.

2556

Um dos principais impactos da gravidez na adolescência é o emocional. A jovem mãe geralmente passa por sentimentos de medo, incerteza, angústia e ansiedade em relação ao futuro, ao mesmo tempo em que lida com as mudanças físicas e hormonais da gravidez (Da Silva; Abrão, 2020).

Nesse contexto, a presença de uma família acolhedora e compreensiva é determinante para o equilíbrio emocional da adolescente. O apoio emocional da família ajuda a reduzir o estresse, contribui para a aceitação da gravidez e proporciona uma maior segurança para que a jovem se sinta confiante para enfrentar os desafios da maternidade precoce.

A gravidez na adolescência muitas vezes é acompanhada por estigmas sociais, especialmente em contextos mais conservadores. A adolescente pode enfrentar julgamentos e discriminações por parte de amigos, escola e até mesmo da comunidade. Nesse cenário, a família desempenha um papel fundamental na criação de um ambiente seguro e de suporte, onde a jovem pode encontrar refúgio e evitar sentimentos de isolamento e rejeição. A capacidade da

família de oferecer escuta ativa, sem julgamentos, e de apoiar as decisões da jovem pode ser um fator protetor contra problemas como a depressão e a ansiedade, comuns na gravidez não planejadas (Da Costa; De Freitas, 2020).

Além do suporte emocional, o apoio financeiro e estrutural da família é crucial. Muitas adolescentes ainda estão em processo de educação e não possuem renda própria, o que torna a dependente financeiramente dos pais ou responsáveis. A família, nesse caso, muitas vezes assume a responsabilidade pelos custos relacionados à gravidez, como consultas médicas, exames, suplementos nutricionais, além dos cuidados pós-parto com o bebê, a maioria das adolescentes gestantes não podem contar com o apoio dos genitores, muitos sofrem o abandono por parte dos genitores, sendo a família nesse momento essencial para a segurança da saúde física e emocional dessa adolescente (Neves, 2021) .

Esse suporte financeiro pode ser fundamental para garantir que a jovem tenha acesso a cuidados de saúde de qualidade, incluindo o pré-natal, que é essencial para o acompanhamento da saúde da mãe e do feto. Famílias que têm maior capacidade de oferecer recursos financeiros e logísticos podem ajudar a jovem a ter uma gestação mais tranquila, reduzindo o risco de complicações como partos prematuros ou desnutrição, que são comuns em adolescentes grávidas que não recebem cuidados adequados (Pereira et al.,2023).

2557

Além disso, a estrutura familiar, incluindo a divisão de tarefas e o suporte no cuidado do bebê, pode aliviar o peso sobre a adolescente, especialmente nos primeiros meses após o nascimento. O apoio no cuidado do recém-nascido e a orientação prática são formas importantes de garantir que a jovem mãe tenha tempo para se recuperar fisicamente do parto e se adaptar à nova rotina.

A orientação familiar também tem um papel central na gravidez na adolescência. Muitas adolescentes grávidas possuem pouca ou nenhuma informação sobre os cuidados necessários durante a gestação e o período pós-parto. A presença de membros da família, como pais ou avós, que possam transmitir conhecimentos sobre saúde, cuidados com o bebê é essencial para preparar a adolescente para a maternidade. Essa orientação pode incluir desde ensinamentos práticos, como a amamentação e os cuidados básicos com o recém-nascido, até orientações sobre a saúde reprodutiva, prevenindo futuras gravidezes indesejadas (Cordeiro et al.,2021).

Famílias que incentivam a continuidade dos estudos e o desenvolvimento pessoal da adolescente também desempenham um papel essencial no futuro da jovem. Muitas adolescentes que engravidam enfrentam o risco de abandonar a escola, o que pode limitar suas oportunidades de inserção no mercado de trabalho e gerar um ciclo de pobreza e exclusão social. O incentivo familiar para que a jovem conclua sua educação formal, oferecendo suporte em questões como cuidado infantil e logística, é fundamental para que ela possa construir um futuro mais seguro e independente (De Amorim et al., 2023).

Um aspecto importante do papel da família na gravidez na adolescência é a construção de um ambiente de diálogo e inclusão. A comunicação aberta e honesta entre a adolescente e sua família permite que a jovem expresse suas preocupações, medos e necessidades, e que a família compreenda o que pode ser feito para apoiá-la de forma mais eficaz. O diálogo evita conflitos e mal-entendidos, além de criar um espaço de confiança, onde a adolescente se sente respeitada e capaz de tomar decisões informadas sobre sua própria vida e a recém nascido. Famílias que incluem a adolescente no processo de tomada de decisões e a tratam como parte ativa da solução dos desafios tendem a ter melhores resultados na gestão da gravidez precoce. Isso também fortalece os laços familiares e aumenta a resiliência da jovem, preparando-a melhor para a maternidade (De Lima; Gonçalves et al., 2023).

2558

Desse modo, a importância da família na gravidez na adolescência é indiscutível. O suporte emocional, financeiro, educacional e estrutural fornecido pela família pode fazer uma diferença significativa na saúde e no bem-estar da adolescente e do recém nascido. Ao oferecer um ambiente acolhedor e seguro, a família ajuda a reduzir os impactos negativos da gravidez precoce e contribui para um futuro mais promissor para a jovem mãe. Além disso, o incentivo à continuidade dos estudos e ao desenvolvimento pessoal da adolescente é essencial para que ela possa superar os desafios da maternidade precoce e construir uma vida mais independente e segura.

2.6 Conscientização de sexo seguro e métodos contraceptivos.

Uma das intervenções mais eficazes para reduzir a incidência de gravidez precoce e, conseqüentemente, o risco de morte infantil, é a implementação de programas de conscientização do sexo seguro ou seja, uma educação sexual abrangente. A educação sexual no

âmbito familiar, escolar e na comunidade de forma mais abrangente é fundamental para fornecer aos adolescentes informações sobre saúde reprodutiva, métodos contraceptivos e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis. Com o conhecimento adequado, os jovens podem tomar decisões informadas sobre sua vida sexual, evitando a gravidez não planejada (Costenaro et al.,2020).

Além disso, o acesso a métodos contraceptivos seguros e eficazes deve ser promovido. O planejamento familiar é uma estratégia essencial para permitir que adolescentes e jovens adultos possam adiar a gravidez até que estejam física, emocional e financeiramente preparados .

Além disso, é fundamental melhorem o acesso das adolescentes ao pré-natal que esse programa ocorra com qualidade, humanização e empatia. Nesse contexto, Governos e organizações de saúde devem garantir que as jovens grávidas tenham acesso a consultas regulares, exames de ultrassom, suplementação adequada e assistência médica contínua durante a gestação e após o parto. Isso envolve a criação de programas de saúde pública que atendam especialmente comunidades vulneráveis, onde a gravidez precoce é mais comum (Saldanha et al.,2020).

A gravidez precoce muitas vezes coloca a adolescente em uma posição de vulnerabilidade social e econômica. Nesse contexto, o suporte da família e da comunidade é essencial para garantir que a jovem mãe tenha acesso aos recursos necessários para cuidar de si mesma e do bebê. Programas de apoio familiar, redes de acolhimento e orientação podem desempenhar um papel importante na redução do estresse e na promoção de um ambiente mais saudável para o desenvolvimento do recém-nascido (Do Nascimento et al.,2020).

A gravidez precoce está fortemente associada a um maior risco de morte infantil, devido a uma série de fatores, incluindo a imaturidade física da mãe, o acesso limitado a cuidados pré-natais e as condições socioeconômicas desfavoráveis. Para mitigar esse risco, é crucial investir em educação sexual, ampliar o acesso aos serviços de saúde e fornecer suporte adequado às adolescentes grávidas. Somente por meio de esforços conjuntos de governos, educadores e comunidades será possível reduzir as taxas de mortalidade infantil associadas à gravidez na adolescência e garantir um futuro mais saudável para mães e bebês.

3 MATERIAL E MÉTODOS

O estudo trata-se de uma revisão de literatura, realizada com o objetivo de evidenciar a importância do enfermeiro na prevenção da gravidez na adolescência. O parâmetro bibliográfico do material elaborado foi desenvolvido com base nos artigos científicos selecionados no período de 2019 a 2024. É a pesquisa bibliográfica que oferece suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema na determinação dos objetivos, na construção e hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final. (Fontana, 2020).

Para a pesquisa foram utilizadas as bases de dados eletrônicas: Scielo (Scientific Electronic Library), Google Acadêmico e PubMed. Foram usadas as palavras-chaves: Educação sexual, Enfermeiro e Gravidez na adolescência, publicados em português.

Na busca inicial, foram encontrados 248 artigos no total, 28 artigos no Scielo, 20 artigos no Pubmed e 100 artigos no Google Acadêmico, sendo realizada apenas leitura dos títulos, a partir da leitura dos títulos foi possível excluir 128 artigos, restando apenas 20 artigos para leitura do resumo. Após leitura do resumo dos artigos foram excluídos 5 artigos, restando apenas 15 para realização da leitura na íntegra. Após leitura dos textos na íntegra, foram incluídos 10 artigos. Foram critérios para exclusão: não fazer referência ao tema ou diferentes objetos de trabalho e inclusão, os que estavam de acordo com o objetivo da pesquisa.

2560

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gravidez na adolescência é um fenômeno complexo que reflete múltiplos desafios sociais, culturais, econômicos e de saúde pública. Apesar de avanços nas políticas de educação e saúde reprodutiva, ainda representa uma preocupação global, especialmente em países em desenvolvimento, onde taxas elevadas de gravidez precoce afetam o futuro de milhões de adolescentes e suas famílias. Este tema demanda uma abordagem multidisciplinar que considere tanto as causas quanto as consequências dessa realidade (Do Nascimento Levy et al., 2023).

Uma das principais causas da gravidez na adolescência é a falta de educação sexual adequada. Em muitas comunidades, a sexualidade ainda é tratada como um tabu, dificultando o acesso a informações sobre métodos contraceptivos e prevenção de doenças sexualmente

transmissíveis. A ausência de diálogo aberto e inclusivo sobre o tema contribui para a desinformação e para o comportamento de risco entre adolescentes (De Souza, 2023).

Além disso, a vulnerabilidade social e econômica é um fator determinante. Em contextos de pobreza, muitas adolescentes enfrentam dificuldades para acessar serviços de saúde e educação de qualidade. A falta de oportunidades e perspectivas de futuro pode levar ao início precoce da vida sexual e, consequentemente, a uma maior probabilidade de engravidar (Nunes et al., 2023).

Outro fator relevante é a influência cultural e comunitária. Em algumas sociedades, há uma aceitação cultural da maternidade precoce, o que normaliza o fenômeno e reduz os esforços para preveni-lo. Pressões familiares ou expectativas sociais também podem desempenhar um papel significativo, especialmente em contextos onde a maternidade é vista como um rito de passagem para a vida adulta (Ferreira, 2020).

As consequências da gravidez na adolescência são profundas e multifacetadas, afetando tanto a jovem mãe quanto o bebê. No âmbito da saúde, adolescentes grávidas estão mais propensas a enfrentar complicações obstétricas, como parto prematuro, hipertensão gestacional e anemia. Seus corpos, muitas vezes, não estão totalmente preparados para a gravidez, o que aumenta os riscos para mãe e filho (Melo; Soares, 2022).

2561

Do ponto de vista educacional, a gravidez precoce frequentemente interrompe a trajetória acadêmica das adolescentes. Muitas jovens abandonam a escola devido ao estigma, à falta de suporte ou à necessidade de cuidar do bebê. Essa interrupção tem impacto direto na diminuição das oportunidades de emprego e na perpetuação do ciclo de pobreza (Silva, 2024).

No contexto psicológico, adolescentes grávidas enfrentam desafios emocionais significativos, como estresse, ansiedade e isolamento social. O estigma associado à gravidez precoce pode levar a sentimentos de culpa e baixa autoestima, além de dificultar a construção de redes de apoio (Ferreira, 2024),

A gravidez na adolescência também gera impactos econômicos para a sociedade. Aumenta a demanda por serviços de saúde e assistência social e reduz o potencial produtivo de jovens que deixam de estudar ou trabalhar para cuidar de seus filhos. Esses custos são refletidos no bem-estar geral da comunidade e na capacidade de desenvolvimento econômico (Pereira et al., 2022).

Por outro lado, é importante considerar que nem todas as adolescentes grávidas recebem o suporte necessário para enfrentar os desafios da maternidade precoce. A falta de políticas públicas eficazes para acolher essas jovens e oferecer oportunidades de reintegração escolar e profissional muitas vezes agrava o problema, perpetuando desigualdades e ciclos de exclusão social.

Apesar das dificuldades, existem caminhos para reduzir a incidência de gravidez na adolescência e mitigar seus efeitos. A educação sexual integral é uma ferramenta essencial, capacitando os jovens a tomar decisões informadas sobre sua saúde reprodutiva. Programas que abordem temas como métodos contraceptivos, consentimento e relacionamentos saudáveis têm mostrado resultados positivos em diversos contextos (Castro; Chini; Madureira, 2022).

Além disso, o fortalecimento dos sistemas de saúde pública é crucial. Serviços de saúde acessíveis, com profissionais capacitados e acolhedores, são fundamentais para garantir que adolescentes tenham acesso a métodos contraceptivos e orientação confiável. Isso inclui também a disponibilização de preservativos e anticoncepcionais gratuitos (Ruas et al., 2021).

As políticas de apoio à adolescente grávida também desempenham um papel crucial. Programas que promovam a reintegração escolar, ofereçam creches comunitárias e apoiem o acesso ao mercado de trabalho são estratégias eficazes para minimizar os impactos negativos da maternidade precoce.

2562

No âmbito familiar, é necessário fomentar um ambiente de diálogo aberto e suporte emocional. Pais e responsáveis desempenham um papel essencial na prevenção da gravidez precoce, fornecendo informações e orientações adequadas, além de apoio caso a gravidez ocorra.

Nesse contexto, o enfermeiro desempenha um papel essencial na prevenção da gravidez na adolescência, atuando como um agente educador, orientador e de acolhimento nas comunidades e nos serviços de saúde. Por meio da educação em saúde, o enfermeiro oferece informações claras e acessíveis sobre métodos contraceptivos, saúde reprodutiva e planejamento familiar, ajudando os adolescentes a tomarem decisões informadas (Gonzaga et al., 2021).

Além disso, esse profissional promove campanhas e palestras que desmistificam tabus relacionados à sexualidade, abordando questões como consentimento, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e a importância de escolhas conscientes e responsáveis.

Palhares e Vilela (2024) ressalta que a contribuição significativa do enfermeiro é o acolhimento e a construção de vínculos de confiança com os jovens. Muitos adolescentes se sentem constrangidos ao buscar informações sobre sexualidade, e o enfermeiro, com sua abordagem humanizada e empática, cria um ambiente seguro para que dúvidas sejam esclarecidas sem julgamentos.

Esse profissional também identifica fatores de risco, como vulnerabilidades sociais, violência ou lacunas educacionais, e trabalha de forma integrada com outros setores da saúde e da educação para oferecer suporte completo aos jovens e às suas famílias. Sua atuação é, portanto, essencial para reduzir os índices de gravidez precoce e promover a saúde integral do adolescente (Fernandes; De Sousa; Passos, 2023).

A mídia também pode ser uma aliada poderosa, promovendo campanhas que abordem a prevenção da gravidez na adolescência e desmistifiquem a maternidade precoce. Mensagens que incentivem a tomada de decisões conscientes e empoderem as jovens são essenciais para transformar a narrativa em torno do tema (Trombeta et al., 2022).

É igualmente importante reconhecer que o empoderamento feminino está no cerne da solução. Quando as jovens têm acesso à educação, saúde e oportunidades econômicas, elas podem tomar decisões mais informadas sobre suas vidas, incluindo se e quando desejam ser mães (Da Silva et al., 2023).

2563

Por fim, é fundamental lembrar que a gravidez na adolescência não deve ser tratada apenas como um problema a ser combatido, mas como uma questão de direitos humanos. Cada jovem tem o direito à educação, à saúde e ao suporte necessário para construir um futuro digno, independentemente de sua condição.

A gravidez na adolescência não é apenas um reflexo das escolhas individuais, mas também das condições estruturais e culturais em que essas escolhas são feitas. Combater esse fenômeno exige uma visão holística, que considere a complexidade das relações entre desigualdade, educação, saúde e cultura (Moreira; Dos Santos, 2024).

Embora o caminho seja desafiador, os avanços alcançados em alguns contextos mostram que é possível transformar essa realidade. Com educação, acolhimento e políticas públicas eficazes, pode-se reduzir significativamente a incidência de gravidez precoce e garantir um futuro mais promissor para as jovens e suas famílias (Miranda, 2024).

Por fim, é essencial que a sociedade como um todo adote uma postura inclusiva e empática. Ao invés de estigmatizar as adolescentes grávidas, é necessário oferecer-lhes as ferramentas e o suporte necessário para que possam superar os desafios da maternidade precoce e alcançar seus objetivos (Nunes et al.,2023).

A gravidez na adolescência é um desafio que afeta múltiplas dimensões da vida de uma jovem. Enfrentá-lo de maneira eficaz requer um esforço conjunto, que promova educação, oportunidades e respeito aos direitos das adolescentes, garantindo que elas possam construir um futuro com mais possibilidades e menos limitações (Assis et al.,2022).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do enfermeiro na prevenção da gravidez na adolescência é indispensável para a construção de uma abordagem eficaz e humanizada. Sua atuação vai além da simples orientação sobre métodos contraceptivos, abrangendo a educação em saúde, o acolhimento e a promoção de um ambiente de diálogo aberto.

Ao estabelecer vínculos de confiança com os adolescentes, o enfermeiro contribui para desmistificar tabus, encorajar escolhas conscientes e fortalecer a autonomia dos jovens em relação à sua saúde reprodutiva. Essa atuação estratégica impacta diretamente na redução dos índices de gravidez precoce, promovendo não apenas a saúde física, mas também o bem-estar emocional.

Além disso, o enfermeiro tem um papel central na articulação entre os serviços de saúde e a comunidade, integrando políticas públicas e ações preventivas que alcançam escolas, famílias e instituições sociais. Com sua visão ampla e sensível, ele identifica vulnerabilidades e oferece suporte individualizado, adaptando-se às realidades de cada adolescente. Assim, o enfermeiro não apenas previne a gravidez na adolescência, mas também contribui para o fortalecimento de uma sociedade mais informada, empática e comprometida com o futuro dos jovens. Seu papel é, portanto, um pilar essencial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Luizandra Patrícia Ngola de Carvalho. **Avaliação das tendências temporais da mortalidade materna e em menores de 5 anos em países subsaarianos e sua correlação com fatores socioeconômicos.** 2024. Tese de Doutorado.

ASSIS, Thamara de Souza Campos et al. Gravidez na adolescência no Brasil: fatores associados à idade materna. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, p. 1055-1064, 2022. Disponível:

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/dkrTfCZCKygmRMJ5hpn9d5Ry/abstract/?lang=pt> Acesso: 21 Nov.2024.

BRAGA, Jucilene Corrêa et al. Gravidez na adolescência como fator de risco para pré-eclâmpsia. Revisão sistemática da literatura. **Revista Multidisciplinar da Saúde**, v. 3, n. 2, p. 37-49, 2021. Disponível:

<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaMultiSaude/article/view/1727> Acesso: 22 Nov.2024.

CÁ, Abdel Boneensa et al. Lacunas da assistência pré-natal que influenciam na mortalidade materna: Uma Revisão Integrativa. **Revista Enfermagem Atual In Derme**, v. 96, n. 38, 2022. Disponível: <https://revistaenfermagematual.com/index.php/revista/article/view/1372/1408> Acesso: 21 Nov.2024.

CASTRO, Clarissa Macedo Cavalcante; CHINI, Gabriel de Lima; MADUREIRA, Eduardo Miguel Prata. O impacto da insegurança alimentar durante a gestação: Uma revisão bibliográfica. 2023. Disponível:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/issue/view/214> Acesso: 21 Nov.2024.

CAVALCANTE, M. M. C.; MAGALHÃES, J. G.; MARZULLO, B. M.; OLIVEIRA, C. B. F. de; BÁRBARA, C. de M. M.; CARVALHO, M. V. F.; BARCELOS, C. G.; SILVA, M. H. R. da. Impactos da gravidez na adolescência na saúde mental das jovens. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. e71436, 2024.

2565

CORDEIRO, Ingrid Helena Danick et al. Aspectos envolvidos na gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 13, n. 3, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v13i3a2021.2950> Acesso: 12 Nov.2024.

COSTENARO, Regina Gema Santini et al. Educação Sexual Com Adolescentes: promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020.

DA COSTA, Marli Marlene Moraes; DE FREITAS, Maria Victória Pasquoto. Gravidez na adolescência: quem são os verdadeiros culpados?. **Revista sobre la infancia y la adolescencia**, n. 19, p. 62-78, 2020. Disponível: <http://dx.doi.org/10.4995/reinad.2020.13401> Acesso: 12 Nov.2024.

DA SILVA, Carla Nayara Gonçalves et al. Gravidez na adolescência: Fatores associados e complicações. **Revista Científica da Escola Estadual de Saúde Pública de Goiás "Cândido Santiago"**, v. 10, p. 1-9, 2024. Disponível: <https://www.revista.esap.go.gov.br/index.php/resap/article/view/745/444> Acesso: 14 Nov.2024.

DA SILVA, Isabelle Oliveira Santos et al. Intercorrências obstétricas na adolescência e a mortalidade materna no Brasil: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 6720-6734, 2021. Disponível: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/27297> . Acesso em: 10 dec. 2024. Acesso: 21 Nov.2024.

DE AMORIM ANDRADE, Alcilene Lopes et al. SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: como escola e família tem lidado com este tema?. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 10, n. 1, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.61164/rmm.v10i1.1552> Acesso: 26 Nov.2024.

DE LIMA, Mirella Maria et al. A importância do acompanhamento do pré-natal na Atenção Básica. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 4, p. 2457-2468, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n4p2457-2468> Acesso: 28 Nov.2024.

DO NASCIMENTO, Givanildo F. et al. Vantagens e fragilidades do pré-natal de adolescentes em contextos de vulnerabilidade: desafios do desenvolvimento sustentável. **vínculo**, v. 88, p. 9.2022. Disponível: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0253> Acesso 14 Nov.2024.

FARIAS, Raquel Vieira et al. Gravidez na adolescência e o desfecho da prematuridade: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 56, p. e3977-e3977, 2020. Disponível : <https://doi.org/10.25248/reas.e3977.2020> Acesso 11 Nov.2024,

FERNANDES, Camila Meireles et al. Fatores socioeconômicos aumentam o risco de gravidez na adolescência: análise espacial e temporal em um município brasileiro. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 27, p. e240040, 2024. Disponível: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/xvYJvfDNKRkXXYgV47nnJdz/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 23 Nov.2024.

2566

FERREIRA, Thaiara De Souza. Atuação do enfermeiro na prevenção da gravidez precoce na adolescência.2023) Disponível: <https://repositorio.pgsscogna.com.br//handle/123456789/53270> Acesso: 24 Nov.2024.

GONZAGA, Paulo Guilherme Alves et al. A gravidez na adolescência e suas perspectivas biopsicossociais. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 10, p. e8968-e8968, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.25248/reas.e8968.2021> Acesso 17 Nov.2024.

MACIEL, L. P.; COSTA, J. C. C.; CAMPOS, G. M. B.; SANTOS, N. M.; MELO, R. A.; DINIZ, L. F. B. Transtorno mental no puerpério: riscos e mecanismos de enfrentamento para a promoção da saúde. **Revista Cuidado é Fundamental**, v. 11, n. 4, p. 1096-1102, 2019. Disponível: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1005467> Acesso: 11 Nov.2024.

MARQUES, T.M.; MARSKI, B.S.L.; SOUZA, B.F.; BONELLI, M.A.; FABBRO, M.R.C.; WERNET, M. Adolescentes grávidas que experienciaram o nascimento prematuro: percepções acerca do cuidado pré-natal. **Esc Anna Nery**, v.26, e20210253, 2022. Disponível: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0253> Acesso: 14 Nov.2024.

NEVES, Jocimara Aparecida das. **Os impactos psicológicos da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa da temática.** 2021. Disponível: <https://repositorioguairaca.com.br/jspui/bitstream/23102004/361/1/Jocimara%20aparecida%20odas%20Neves.pdf> Acesso: 21 Nov.2024.

NOGUEIRA, Wanessa Castro et al. Fatores relacionados à gravidez não planejada: revisão integrativa: Fatores relacionados à gravidez não planejada: revisão integrativa. **Revista Coopex.**, v. 15, n. 02, p. 5483-5496, 2024. Disponível: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO0310345> Acesso: 25 Nov.2024.

OLIVEIRA, Fernanda Gonçalves et al. ABORTO NA ATUALIDADE: PERPCTIVAS E ABORDAGENS. **Revista Científica Mais Pontal**, v. 2, n. 2, p. 19-36, 2023.

PEIXOTO-FILHO FM, COSTA FS, KOBAYASHI S, BEITUNE PE, GARRIDO AG, CARMO AV, et al. Prediction and prevention of preeclampsia. **Rev Bras Ginecol Obstet.** 2023. Disponível: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/yTbJpMr9CbpSvzVKggKsJdt/?format=pdf&lang=pt> Acesso: 13 Nov.2024

PEREIRA, Raquel Jacob. Aspectos sociais e biológicos da gravidez na adolescência. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 10, p. 5690-5708, 2023. Disponível: doi.org/10.51891/rease.v9i10.11585 Acesso: 16 Nov.2024.

POKHAREL, A. et al. Perinatal depression among teenage mothers in a tertiary care teaching hospital of Nepal: A cross-sectional study. **Asian Journal of Psychiatry**, v. 90, p. 103810, 1 dez. 2023. Disponível : <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2023.103810> Acesso: 15 Nov.2024.

2567

RIBEIRO, Maria Victoria de Moraes Born et al. Análise de casos de gravidez e abortamento em adolescentes residentes em uma comunidade terapêutica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 9, p. e14117-e14117, 2023. Disponível: <https://doi.org/10.25248/reas.e14117.2023> Acesso: 27 Nov.2024.

RUAS, Carla Alaíde Machado et al. Perfil e distribuição espacial da mortalidade materna. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 20, p. 385-396, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1806-93042020000200004> Acesso: 26 Nov.2024.

SALDANHA, Bruna Lopes. Dificuldades enfrentadas por gestantes adolescentes em aderir ao pré-natal. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 9, p. e4160-e4160, 2020. Disponível: <https://doi.org/10.25248/reas.e4160.2020> Acesso 12 Nov.2024.

MELO, Mariana Martins de; SOARES, Maurícia Brochado Oliveira; SILVA, Sueli Riul da. Fatores que influenciam a adesão de gestantes adolescentes às práticas recomendadas na assistência pré-natal. **Cadernos saúde coletiva**, v. 30, n. 2, p. 181-188, 2022. Disponível: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202230020315> Acesso: 15 nov.2024.

SANTOS, Bruna Borges et al. Mortalidade materna entre adolescentes no Brasil: um problema de saúde pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 5, p. e12257-e12257, 2023.

TROMBETTA, Thaís Cavazzani et al. Identificação das condições maternas e fatores de risco da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 6, p. e47311629498-e47311629498, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i6.29498> Acesso: 25 Nov.2024.

MOREIRA, Crisley Daiane Cardoso; DOS SANTOS, Raquel Maria Cassimiro. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 54, 2024. Disponível: <http://revistas.faculdefacit.edu.br/index.php/JNT/article/view/2986/0> Acesso: 27 Nov.2024.

MIRANDA, Milene. Atuação da enfermagem no manejo e prevenção de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista Científica da UNIFENAS-ISSN: 2596-3481**, v. 6, n. 7, 2024.

PALHARES, Valéria Cristina; VILELA, Pâmella Arrais. Ações de saúde para evitar gravidez na adolescência e a atuação do enfermeiro. **Revista Científica Mais Pontal**, v. 3, n. 1, p. 21-37, 2024. Disponível: <https://revistas.unifenas.br/index.php/revistaunifenas/article/view/975> Acesso: 26 Nov.2024.

DO NASCIMENTO LEVY, Josivane et al. Atuação do enfermeiro no contexto da gravidez na adolescência: uma revisão integrativa. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 11, p. 2133-2144, 2023. Disponível: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12622/5858> Acesso: 14 Nov.2024.

2568

DE SOUZA, Gláucia Leandro. **Gravidez na adolescência e a atuação da enfermagem: uma revisão integrativa**. 2023. Tese de Doutorado. Universidade Presidente Antônio Carlos. Disponível: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/230914284.pdf> Acesso: 29 Nov.2024.

NUNES, Débora Cristina Alves et al. Gravidez na adolescência: fatores associados e o papel do enfermeiro. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 6, n. 13, p. 1651-1662, 2023. Disponível: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/754> Acesso: 15 Nov.2024.

DA SILVA, Kelly Karine Lima et al. O papel do enfermeiro como educador na saúde sexual e reprodutiva do adolescente. **Revista Multidisciplinar Pey Këyo Científico-ISSN 2525-8508**, v. 9, n. 2, 2023. Disponível: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/pkcroraima/article/view/1934> Acesso: 18 Nov.2024.